

Resenhas

Uma exaltação à Pedagogia da Rua: Resenha do livro “O jogo na escola: introdução à pedagogia da rua”¹



Gabriel Orenga Sandoval

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil
g216386@dac.unicamp.br



Alcides José Scaglia

Universidade Estadual de Campinas, Limeira, São Paulo, Brasil
scaglia@unicamp.br

FREIRE, J. B. **O jogo na escola**: introdução à pedagogia da rua. Campinas: Autores Associados, 2022.

MARANDOLA JR, E. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

Submetido em: 18/05/2023

Aceito em: 01/11/2023

Autor de referência na Educação Física brasileira desde a década de 80, João Batista Freire publicou, em 2022, pela Autores Associados, um livro que busca, na maturidade, explicitar um dos mais importantes temas cunhados por ele: a pedagogia da rua. Enquanto foi professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ganhou destaque ao publicar livros como *Educação de corpo inteiro*, *De corpo e alma*, *Pedagogia do Futebol*, *O jogo: entre o riso e o choro*, *Educação como prática corporal*, em que buscou, ao desenvolver estudos e pes-

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

quisas, construir conceitos e propostas didático-metodológicas para a Educação Física, a Pedagogia do Esporte, além do Futebol. Atualmente, como consultor do Instituto Esporte e Educação, declama, nas pouco mais de 100 páginas, uma ode ao ambiente informal de aprendizagem, propondo, através de suas vivências desde a infância, a potência da rua no processo de formação humana e as possibilidades de se valorizar essas potencialidades na escola.

Prefaciado por Fernando Diniz, ex-jogador de futebol e treinador do mesmo esporte, atualmente no Fluminense Football Club e Seleção Brasileira, há, de antemão, uma nítida direção que o livro tomará: o sentir que a rua propicia é vangloriado em divergência aos anseios atuais de tudo se medir, já que há, no ambiente informal, a deposição da subjetividade e o desenvolvimento da criatividade. Porém, nesse momento, ainda não se sabe que a própria escrita de João está atrelada ao “sentir”: em cada parágrafo há, além de qualquer outra coisa, as marcas do professor que, antes de exercer tal profissão, brincou e, por tanto ter brincado, não se desvencilha dessa condição, fazendo com que seus sentimentos aflorados na rua se façam nítidos aos olhos de quem lê. João é, como afirma Marandola Jr (2022), um ser situado quando escreve: não se desvincula de sua particularidade quando da pedagogia da rua se propõe a escrever e a razão ele deixa claro: só há pedagogia da rua por sua situação.

Sabendo que o livro é separado em 19 pequenos capítulos, logo em *Introdução à pedagogia da rua* há uma elaboração primária capaz de apresentar a ideia que circunda a concepção de pedagogia da rua para aqueles e aquelas que não tiveram contato com a temática até então. Nesse momento do texto, a rua é vista como uma pequena sociedade lúdica, local de troca de experiências e criação de um mundo particular, em que os anseios do grupo são colocados em prática e que, por conseguinte, nessa complexidade que permeia o lugar, há uma experiência educacional presente.

Trazida logo no primeiro capítulo, a ideia da pequena sociedade lúdica mostra-se como um conceito importante para fundamentar e comprovar a existência da pedagogia da rua, não à toa marca toda a composição da obra.

As ruas existem em nossos pedaços de terra, nas faixas de asfalto, nos campinhos de grama, nas quadras de esporte ou de prédio, nos quintais das casas, e até nos quartos de dormir. As ruas são mesas de botequim, praias, salões de festas, são todos os lugares em que, com outras pessoas, formamos nossas pequenas sociedades lúdicas, sociedades que comungam de determinada cultura e na qual nada se faz que não seja usufruir da vida, sem qualquer outro compromisso além desse viver fora do tempo contado. (FREIRE, 2022, p. 3)

Logo após esse primeiro capítulo, Freire intitula de *O começo da história* o local em que será apresentado, sucintamente, através das memórias da infância, os locais das brincadeiras, as inspirações e os tipos de jogos que eram jogados até chegar na expectativa dos adultos, ressaltando a inutilidade que as brincadeiras tinham para tal público, culminando em sua formação como professor e, posteriormente, pesquisador.

Seguindo na mesma linha, *Voltando às lembranças* reforça o quão bem a rua fez à infância do autor. Atrelado a isso, delega a ela o motivo de o Brasil ser o país que mais bem joga futebol: sem ter onde jogar, a rua abrigou e possibilitou a expressão, dentro do jogo, deste povo. Nessa toada, João, no próximo capítulo denominado *O material de pesquisa*, esclarece o material que utilizará como investigação para o livro todo: suas memórias. Dessa forma, é como se o livro fosse escrito pelo corpo de Freire, a partir de tudo que o marcou durante todos esses anos brincando e ensinando é que o conteúdo sai. Sem a necessidade de racionalizar, todo o escrito tem o mais puro embasamento naquilo que é próprio ao que constitui o autor. E a beleza encontra-se em não se ter medo ou desejo de esconder isso. Há, na verdade, o contrário: o vislumbre de escancarar como é no “ordinário” que somos afetados.

Nessa direção, em *Meu lugar na rua*, estabelece-se uma característica das sociedades lúdicas formadas na rua. Segundo João, cada um assume um papel específico neste ambiente, tanto vinculado às ações tomadas dentro do jogo, visando satisfazer seus anseios,

quanto na organização da pequena sociedade como um todo, podendo ser aquele/a que cria o jogo, o dono da bola ou o 'brigão'.

Em *Escola não é rua*, há uma mudança na temática: a rua deixa de ser local de aprendizagem informal para ser pensado em uma formalização que sua constituição permite. Mas, logo no início, Freire anuncia a dificuldade de se passar a rua para a escola, já que, na rua, há regras, organizações e concepções específicas que fundamentam a pequena sociedade lúdica, algo que se torna impossível na escola, uma vez que o grupo não é o criador das aprendizagens neste local.

Por isso, no próximo capítulo – *O jogo de bola e o jogo de futebol* –, o autor realçará a necessidade de se brincar para haver, efetivamente, o desenvolvimento das habilidades. Segundo ele, o jogo de bola, por ser menos complexo que o futebol, possibilita o protagonismo da pessoa, propiciando sua formação com mais lúdica, algo que não ocorre no futebol, dada a relevância que tem a equipe. Como consequência, em *Educação da rua e pedagogia da rua*, Freire passa a anunciar que na rua há vestígios de uma pedagogia. Isso explica-se, segundo ele, pela falta de consciência da direção que a aprendizagem está tomando, uma vez que somente em uma teoria encontra-se uma pedagogia estabelecida, já que há intencionalidade na ação.

Em função disso, João segue com *Construindo uma pedagogia da rua*. Nessa parte, há a explanação de algo que já se resvalou anteriormente: não é o bastante aplicar uma brincadeira para aplicar a pedagogia da rua. Isso porque, como afirma em *A educação social da rua*, a educação que se dá na rua é plenamente social – o coletivo fica a cargo da pedagogia –, uma vez que a educação é pautada nas relações estabelecidas dentro da pequena sociedade lúdica formada.

Como bom jogador, dentro deste emaranhado de elementos da rua, João diminui o ritmo do jogo. Em *Caminhos para a pedagogia da rua*, faz uma pausa para respirar e relembrar a essência do livro: “é um levantamento de questões, uma descrição de fe-

nômenos” (FREIRE, 2022, p.56). Por isso, o autor não se compromete com questões pedagógicas como já realizou em obras mais antigas, este é o livro-corpo, em que o conteúdo é aquilo que fez a pedagogia da rua florescer.

Voltando ao jogo, Freire escreve *Um exemplo de nossas brincadeiras* para explicitar diferenças inerentes ao emanar de uma brincadeira na rua e na escola. Enquanto na rua há uma naturalidade pautada nos desejos dos jogadores, das possibilidades do ambiente e da quantidade de integrantes da pequena sociedade lúdica, na escola isso não acontecerá. Por isso, posteriormente, o autor nos traz: *Que ensinamentos podemos tirar daí para uma pedagogia da rua?* Nesse espaço há a definição de que a pedagogia da rua está distante da concepção de uma brincadeira somente. Os alunos terão que decidir os jogos, o professor, por sua vez, irá perceber o perfil dos alunos, propondo reflexões em roda, para que eles, conscientes do jogo e de suas ações, voltarem a jogar melhor do que estavam.

Como consequência, *Uma sociedade lúdica na Pedagogia da Rua* aparece *à posteiri*, realçando a tentativa de fomentar, de alguma maneira, uma pequena sociedade lúdica dentro da escola, colocando, para isso, os(as) alunos(as) como atores protagonistas desse processo. Em decorrência disso, *Como seria uma aula na Pedagogia da Rua* é escrito para exemplificar uma maneira de, na escola, se poder criar uma pequena sociedade lúdica, através da pedagogia da rua, mesclando roda de conversa, jogo e interação professor(a)/aluno(a).

Por fim, os dois últimos capítulos – *Uma pequena sociedade lúdica é possível?* e *Formando uma sociedade* – buscam responder a grande novidade que é trazida pelo livro: a possibilidade de criar uma sociedade lúdica em ambiente formal. Professor João defende que construí-la é o grande diferencial que um professor pode realizar, pois nesse ambiente o engajamento é muito maior, uma vez que há uma coincidência com os anseios e pretensões de cada um/a. Dentro dela, o estado de jogo é permanente e, por isso, não há quem deseje retirar-se nela, pois tudo que se pode satisfazer-se

se encontra nesse ambiente. Em função disso, no *Epílogo* o autor não titubeia: foram as pequenas sociedades lúdicas que formaram os jogadores brasileiros, já que elas poderiam promover o desejo inesgotável de jogar, a possibilidade de identidade obtida e um arrebatamento pela deposição da subjetividade.

Como conclusão, não há receio nenhum, também, em afirmar: uma obra prima é com o que nos deparamos. João Batista Freire consegue apresentar a pedagogia da rua de maneira clara, objetiva e poética. Ergue uma mão aos professores e professoras e os encoraja a ousar: as pequenas sociedades lúdicas são locais de protagonismo dos alunos e das alunas, mas os profissionais da Educação Física podem ajudar a criá-las, dada a potencialidade pedagógica que tem margem para atingir e formar sujeitos autônomos em suas ações.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.